

A HOMONÍMIA DA FORMA *PORTANTO* NO PORTUGUÊS EUROPEU FALADO
CULTO
(THE HOMONYMY OF THE FORM *PORTANTO* IN THE REFINED SPOKEN
EUROPEAN PORTUGUESE)

Norma Barbosa NOVAES (PG- UNESP)

ABSTRACT: *This paper investigates the behaviour of the word 'portanto' in spoken European Portuguese, verifying its performance in order to establish a conclusive relation between sentences and parts of texts, as well as other grammatical and discursive functions.*

KEY WORDS: *conjunction; conclusive; discursivization; spoken language.*

0. Introdução

A classificação das conjunções constitui uma das áreas menos precisas da gramática do português, devido à falta de critérios claros e explícitos de delimitação. Sweetser (1991) afirma que a interação com determinações discursivas aponta um caráter multifuncional da conjunção em função de seu uso nos domínios referencial, epistêmico e ilocucional, constituindo questão importante a ser analisada.

Nesse estudo investigar-se-á a atuação de *portanto* no português europeu falado culto, procurando-se verificar seu comportamento sintático-semântico ao ligar termos, orações sintaticamente completas ou porções textuais. O objetivo é verificar se realmente essa forma estabelece apenas relação de conclusão entre orações ou mesmo entre porções do texto; estudar-se-ão ainda as funções exercidas por esse juntor nos casos em que essa relação conclusiva não se faz presente.

O corpus do português europeu (denominado *Português Fundamental*) foi obtido junto ao CEDAE-UNICAMP, fornecido pelo Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, num total de 49 entrevistas gravadas e transcritas.

O estudo teve como estímulo um projeto, de âmbito internacional, denominado *Língua Portuguesa: unidade e diversidade no início do século XXI* (Projeto PEPB-2000) cujo objetivo principal é identificar e caracterizar as zonas de variação entre as realizações europeia e brasileira da língua portuguesa escrita, nos planos semântico e sintático. Dentre os aspectos a serem analisados, encontra-se um ponto de investigação sobre os conectivos inter-proposicionais e marcadores discursivos, dentro do qual pode-se estudar quais instrumentos gramaticais são utilizados para estabelecer a relação semântica de conclusão e as condições específicas do uso de cada operador.

1. Fundamentação teórica



Pezatti (1999) faz um estudo específico sobre os conectores conclusivos, objetivando verificar se esses conectores presentes no *córpus* em estudo finalizaram o processo de gramaticalização na modalidade culta falada do português brasileiro. A autora considera *logo* como a conjunção conclusiva por excelência e assim toma essa forma como prototípica. Após análise minuciosa, Pezatti conclui que as formas *portanto*, *por isso* e *então* ainda não completaram o processo de gramaticalização. A principal alegação é a de que podem se deslocar para várias partes da oração que introduzem (em oposição ao protótipo conclusivo), o que confirma a natureza adverbial ainda manifesta.

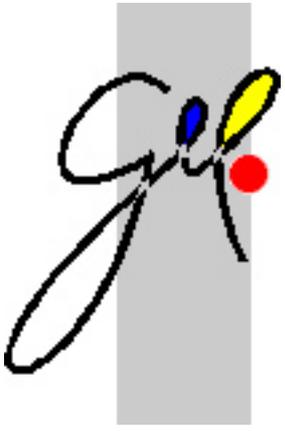
Para justificar sua tese sobre o fato de essas formas não estarem ainda gramaticalizadas, Pezatti apresenta seus argumentos. A forma *portanto*, em alguns casos, admite ser introduzida pela conjunção *e*, o que a torna então um advérbio. Quanto a *então*, pode ser antecedido por *e*, não coordena termos, não aceita restritores nem clivagem. Com relação a *por isso*, em alguns casos essa forma exerce a função de satélite de causa, com valor então circunstancial e não de conjunção. Além disso, na maior parte das ocorrências dessa forma há a possibilidade de esse sintagma ser antecedido pela conjunção *e*. Também não é possível ocorrer sempre a alternância com *logo*, a forma prototípica. A conclusão a respeito dessa última forma é muito interessante "... *por isso* não completou ainda seu processo de gramaticalização que ainda está em curso mas não na direção de um valor conclusivo, mas na de um valor explicativo, já que é empregada para justificar estados de coisas e atos de fala." (Pezatti, 1999:31).

Partindo dessas explicitações, procurou-se estabelecer uma primeira comparação com o português europeu falado culto, elegendo-se a forma *portanto* como alvo do estudo. A partir das particularidades apresentadas por essa forma no *córpus* do português europeu, percebeu-se que esse elemento lingüístico parece ter perdido suas restrições gramaticais, assumindo um caráter pragmático e interativo, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática.

Martelota *et al* (1996:46-47) definem claramente esse processo: um elemento pode se tornar menos gramatical e assim "... assumir funções relacionadas ao processamento do discurso (*e*, conseqüentemente, também interativas) perdendo restrições gramaticais típicas de seus usos originais e tendo, assim, o seu leque de possibilidades de colocação aumentado...". *Portanto* encaixa-se adequadamente no caso de discursivização, conforme poderá ser visto na análise dos dados.

2. Análise dos dados

A forma *portanto* é largamente usada na variedade europeia do português, tendo várias funções. No *córpus* analisado foram encontrados 107 casos em que *portanto* estabelece algum tipo de relação entre constituintes, quer sejam termos, orações ou porções discursivas. Desse total, havia apenas nove relações conclusivas (8,41%), sendo três entre orações e seis entre porções discursivas. Nos demais casos, 17 estabeleciam ligação entre termos, 19 entre orações e 60 entre porções discursivas (houve ainda ocorrências em que não foi possível perceber a função de *portanto* nesse estudo inicial).



Dentro desse primeiro quadro de resultados quantitativos, observou-se como se dá o comportamento de *portanto* em cada caso.

a) Termos :

Portanto aparece em determinadas estruturas com função de estabelecer uma ligação entre sintagmas. Abaixo encontra-se exemplificado:

(1) *T. A . qual é o teu serviço agora no hospital?*

FS- olha desde ontem que estou na propedêutica cirúrgica, portanto um serviço de cirurgia. (G-0472:3)

O que se pode notar é que, como já percebido por Pezatti (1999), *portanto* não tem aqui um valor conclusivo, mas sim discursivo. O segundo termo da relação na verdade esclarece ou especifica o primeiro constituinte. Note-se no exemplo que o falante esclarece o que seria *a propedêutica cirúrgica*, talvez por julgar que o ouvinte desconheça o seu significado. Segundo Jubran (1993:64), esse tipo de segmento inserido seria semelhante a uma frase parentética e sua brevidade não provoca propriamente uma cisão no tópico. Logo a seguir o falante pode retomar o tópico e dar continuidade ao assunto desenvolvido.

Para Pezatti (1999:21), essa propriedade de *portanto* para juntar termos não indica que essa forma deva ser considerada uma verdadeira conjunção coordenativa. Na verdade, o valor estabelecido é o de reparação e não o de conclusão; isto revela o caráter discursivo de *portanto* para esclarecer ou especificar um constituinte da oração.

b) Orações

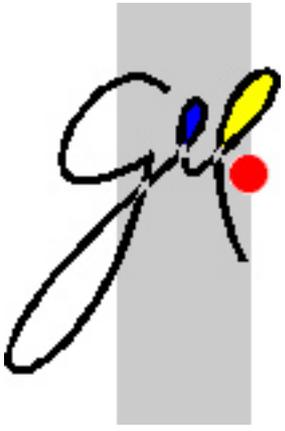
Uma das relações estabelecidas pela forma *portanto* é a de conclusão entre orações completas sintaticamente.

(2) *Há tintos que podem fazer por exemplo encolher as lãs se não forem suficientemente bem tratadas, as lãs neste momento, todas elas. Já não encolhem porque so (...) sofrem um determinado tipo de tratamento, quando antigamente não era a (...), assim, portanto as lãs encolhiam imenso.* (G-1275:59)

Por outro lado, a ligação entre orações completas sintaticamente pode também ser realizada pela forma *portanto* sem contudo exprimir nexos conclusivos:

(3) *Ia na Marques da Fronteira sabes onde é, vai-se para ali pra São Sebastião há ali uma curvazinha, aliás uma curva muito chata, eu ia do lado de cá portanto.* (G-0432:32)

No exemplo acima, estabelece-se uma relação de dependência, apontando para uma explicação que o falante tira de duas premissas: uma explícita (*há uma curva chata ali*) e outra implícita (*não se passa por uma curva chata*). *Portanto* poderia, assim, ser substituída pela conjunção explicativa *por isso*.



Um outro caso ainda pode ser observado na ocorrência a seguir:

(4) *a atitude dessas pessoas é a de que em breve ou dentro de, de algum tempo, se virão a descobrir para todas as doenças mesmo psicológicas, um substrato orgânico, ao contrário do que eu disse há bocado, que estou convencido que é possível que para muitas doenças orgânicas, se as pessoas se libertarem da sua condição se venha **portanto** a descobrir um substrato psicológico.*(G-350:52)

Pode-se perceber uma relação condicional entre os enunciados, de acordo com o esquema *se X então Y* : *se as pessoas se libertarem da sua condição então se descobrirá um substrato psicológico.*

Há outros casos em que a função da forma seria também de esclarecimento ou especificação, semelhante à junção de termos, porém ligando termos a orações.

(5) *Agora parece que põe é problema, de caráter geral, problemas de tipo ... origem da vida, **portanto**, saber como é que ... se passou de, da etapa de movimento da matéria inerte, digamos, para a etapa biológica.* (G-0524:15).

Por outro lado, em certos casos, *portanto* não exerce função de conjunção conclusiva, mas de satélite de causa, com valor de justificativa, explicação ou causa do verbo da segunda oração, conservando ainda o caráter anafórico de retomada da oração anterior.

(6) *e aquilo que tu comesças a fazer sem preparação praticamente nenhuma é imediatamente julgado e classificado, porque criticado é o menos, não é, mas é logo para classificação, **portanto** começa logo aí a grande tensão, quer dizer* (G-0304:38)

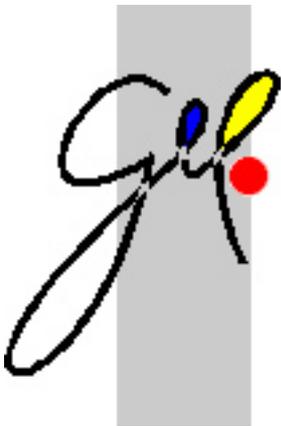
Aqui o fato de *ser logo para classificação* justifica o *começar logo a tensão*, estabelecendo-se uma relação de causa-conseqüência entre estados de coisas.

Esse juntor pode ainda introduzir uma oração que explica uma afirmação anterior, sem porém estabelecer entre elas uma relação de causa-conseqüência, portanto, diferente dos casos acima.

(7) *houve aqui também na Estação Agronômica uma reunião das pessoas da Estação Agronômica que ocorreu muitíssimo serenamente (e) **portanto** muito diferente da outra* (G-0714:71)

Aqui, em especial, apenas o conhecimento dos componentes pragmáticos do discurso poderia dispensar as explicações inseridas pelo falante. De fato, para quem desconhece o contexto, jamais poderia inferir que *as reuniões na Estação Agronômica não são serenas*.

c) Porções discursivas



Assume-se aqui com Risso (1996:432) que, no espaço textual, o fluxo de informação organiza-se em tópicos discursivos. Assim o estudo da forma *portanto* terá aqui como escopo o fato de essa forma organizar linear e hierarquicamente porções discursivas colocadas pelo falante no discurso em andamento.

Há dois tipos de casos em que *portanto* é utilizado com relação aos tópicos presentes no discurso: para finalizar o tópico ou para retomá-lo.

(8) *e depois tu tens cinqüenta minutos à tua frente, em que não podes dizer uma palavra em português, em que não podes deixar de passar um erro da boca do aluno, e muito pior dizê-lo, não é, tu próprio. De maneira que imagina o que é. Agora imagina o que é uma pessoa que tem que dar uma aula destas e que sabe que vai ser pesada um todos os pormenores assim logo em outubro. É o que aconteceu a mim aconteceu a outras também, claro. Portanto isso é, isso é um dos grandes problemas. O outro problema é o problema do tempo.* (G 0304: 58)

Há aqui uma evidente preocupação em sinalizar o fim do tópico desenvolvido. A última ocorrência contendo o sinalizador encerra o enunciado como um bloco coeso (Risso, 1996:436). Veja-se que o falante encerra a explanação de um primeiro problema sinalizando o encerramento por meio da forma *portanto*.

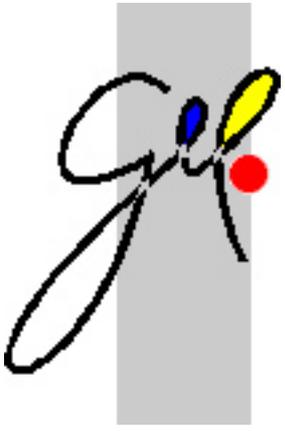
Por outro lado, há casos em que *portanto* é utilizado como recurso para estabelecer uma relação de conclusão que se tira de várias afirmações antes feitas.

(9) *eu numa seda não posso desenhar a mesma coisa que posso desenhar, por exemplo, num, num, num padrão para um casado, pois vê-se, mesmo até nas sedas chinesas, que é uma coisa que acontece imenso, vemos figuras e a seda continua a ter um aspecto levíssimo com aquelas figuras todas desenhadas, figuras humanas e... por aí fora, tudo desenhado, e a seda continua a ter um aspecto profundamente leve. Isso aí da maneira como é tratado o material. Ao passo que se nós fossemos pegar nesse padrão e desenhar as mesmas figuras, os homenzinhos, os cavalos, e essa coisa toda num tecido de lá, grossíssimo, por exemplo, quer dizer, isso não tinha de maneira nenhuma importância nenhuma nem resultava tão pouco para aí. Portanto, todo o desenho terá de ser pensado para o material em que vai ser aplicado.*(G.-0357:47)

O movimento argumentativo do texto tem por base a descrição de *como o tecido deve ser tratado quando for pintado*. A conclusão com a forma *portanto* é respaldada em todo o pronunciamento anterior, que lhe serve de suporte.

Uma outra função assumida por *portanto* é a de finalizar uma argumentação:

(10) *De qualquer das maneiras, percebes, eu es (...), eu, não sei quer dizer, tendo a sensação de, que às vezes a minha necessidade até de sair de, de (Portugal), percebes, quer dizer que..., não sei até que ponto é que não será um, um desvio, quer dizer, duma necessidade de, de isolamento, quer dizer que até mesmo cá se poderia conseguir, percebes. Uma cert (...) um certo cortar um certo número de coisas, quer dizer, principalmente com o, com os laços de família, quer dizer, todas as coisas, portanto a necessidade de, de, s (...), sair quer dizer, até que ponto, quer dizer, é que isso não será, não poderá ser... (G 1030: 45)*



Em outros casos ainda, *portanto* aparece exercendo a função de elemento de coesão entre partes do texto, assumindo o lugar de uma expressão do tipo *desse modo*.

(11) ZM- *quer dizer, e no fundo acaba por ser uma coisa quase contra-relógio, os tipos têm que fazer as duas peças em quatro horas, portanto enquanto eles não fizerem o que é preciso naquelas horinhas todas...*

3. Conclusão

Conforme se verificou, a forma *portanto* tem uma frequência de uso muito alta no português europeu falado culto, à semelhança de *então* na variedade brasileira.

A quantidade maior de ocorrências encontra-se nos casos em que *portanto* assume funções relacionadas ao processamento do discurso. Segundo Martelotta *et al.* (1996: 46-47), na discursivização, o elemento perde suas restrições gramaticais típicas de seus usos originais e assim amplia o leque de possibilidades de colocação.

É justamente isso que está ocorrendo com *portanto* no português europeu falado culto: há uma variedade muito grande de uso no contexto conversacional. Essa forma atua na junção de termos, orações e porções discursivas sem estabelecer relações conclusivas, portanto com outras funções.

Pode-se também depreender que a forma *portanto* possui algumas tendências, tais como: a) constante ancoragem em instância preliminar do discurso, para daí depreender o rumo da sucessão dos eventos dados mais à frente (apontado por Risso (1996:430) quanto ao estudo da forma *então*); b) incorporação de um valor ora explicativo, ora condicional ou ainda conclusivo, seqüenciando orações ou porções discursivas; c) propriedade de reiteração de constituintes, com força de especificação ou esclarecimento de algo antes verbalizado.

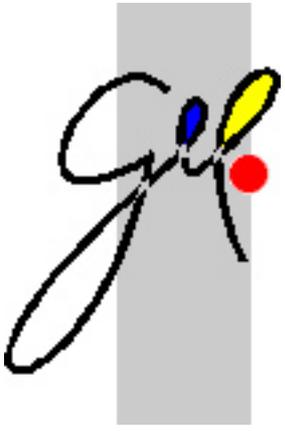
Muitas questões relacionadas ao uso de *portanto* devem ser ainda questionadas, teorizadas e analisadas, esperando-se que outros elementos e nuances possam ser percebidos, cumprindo eles múltiplas funções pragmático-discursivas no texto conversacional.

RESUMO: Este trabalho investiga o comportamento da forma *portanto* no português europeu falado culto, verificando sua atuação para estabelecer relação conclusiva entre orações e porções textuais, bem como outras funções gramaticais ou discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: conjunções; conclusivas; discursivização; língua falada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DIK, Simon. *The Theory of Functional Grammar* Dordrecht-Holland/Providence RI-USA, Foris Publications, 1989.
- JUBRAN, Célia C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP, 1993 v. III.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo (*et al.*), *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.



PEZATTI, Erotilde Goreti. As construções conclusivas no português falado. *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP, 1999 v. 8 (a sair).

RISSE, Mercedes Sanfelice. O articulador discursivo “então”. *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP, 1996 v. IV.